

DESVENDANDO O NOIR: UMA INVESTIGAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS E DA EVOLUÇÃO DO GÊNERO

Esta pesquisa se propõe a analisar a construção do *noir* e sua transição para o *neo-noir*, como categoria cinematográfica, investigando se suas características justificam a classificação como gêneros consolidados ou como estilo histórico, partindo da premissa de que ambos têm sido definidos de maneira excessivamente ampla e inconsistente ao longo da história. Através da análise fílmica de obras emblemáticas do *noir* e suas versões do *neo-noir* como *The Big Sleep* (1946 e seu remake de 1978) e *D.O.A.* (1950 e sua refilmagem de 1988), busca-se identificar continuidades e rupturas estéticas, narrativas e temáticas entre os períodos. A metodologia combina análise fílmica comparativa e abordagem historiográfica adjuntas da catalogação de obras canônicas focando mapear o lugar do *noir* na teoria de gêneros, debatendo a delimitação do *noir* como um gênero cinematográfico ou um estilo circunscrito a um período histórico.

O cerne da complexidade está justamente na origem do *noir*. Ele não foi ativamente concebido como um gênero, mas como um fenômeno cultural identificado de forma póstuma. Segundo Naremore (2008), o termo *noir* foi cunhado apenas nos anos 1950 que críticos franceses, ao catalogarem filmes americanos do pós-guerra, reconhecendo entre eles uma série de padrões estéticos e narrativos que apresentavam uma visão pessimista da condição humana, marcada por:

"Heróis falhos, mulheres fatais que desafiam os papéis de gênero tradicionais, cenários urbanos claustrofóbicos e uma estética visual que privilegiava contrastes dramáticos de luz e sombra - técnica herdada diretamente do expressionismo alemão" (NAREMORE, 2008, p. 45).

O contexto histórico dos EUA no pós-Segunda Guerra é crucial para entender o *noir* clássico, o trauma da guerra, o abalo das estruturas familiares, a emergência de uma crise da masculinidade e as primeiras rupturas do "sonho americano" são algumas das forças que moldam esse cinema sombrio e desconfiado. Essa combinação resultou em uma gama de filmes de estética sombria e pessimista, marcada por jogos

de luz e sombra, personagens moralmente ambíguos e narrativas labirínticas que frequentemente desafiavam as convenções do cinema hollywoodiano.

Com o passar das décadas, essa estética e suas temáticas foram resgatadas, reinterpretadas e emergem como uma reimaginação modernizada desse estilo: o *neo-noir*. Paul Schrader, em seu artigo *Notes on Film Noir (1972)*, sugere que enquanto o *noir* original era produto de uma sociedade industrial marcada por incertezas políticas e culturais, o *neo-noir* emerge em um contexto pós-industrial, de forma em que a estética permanece, mas suas inquietações são atualizadas.

Enquanto o noir clássico era produto de uma sociedade industrial em crise, o neo-noir reflete a alienação pós-industrial, a revolução sexual e a desconfiança nas instituições que caracterizam o final do século XX" (SCHRADER, 1972, p. 12).

Filmes como *Blade Runner* (1982) e *Memento* (2000), considerados grandes expoentes do que se dá por *neo-noir* exemplificam bem esse processo. Eles preservam a atmosfera de ambiguidade moral, os protagonistas solitários e as tramas elaboradas, mas transportam esses elementos para universos onde o tempo é fragmentado, a identidade é instável e, no caso de *Blade Runner*, a tecnologia invade a subjetividade. Deste modo, neste processo de transmutação o *noir* desvincula-se dos becos e escritórios para explorar novas formas e fontes de paranoia — urbanas, existenciais e tecnológicas.

Diante dessa fluidez e da aparente falta de consenso em torno da definição de *noir* e *neo-noir*, esta pesquisa se propõe a analisar a construção dessas categorias cinematográficas, investigando se suas características sustentam sua classificação como gêneros consolidados ou se estariam mais adequadamente compreendidas como estilos históricos circunscritos a determinados períodos. A metodologia adotada parte de uma abordagem historiográfica aliada à análise fílmica comparativa, concentrando-se em obras que consolidadas do *noir* clássico e suas releituras no âmbito do *neo-noir*. Nesse sentido, filmes como *The Big Sleep* (1946) e seu remake de 1978, bem como *D.O.A.* (1950) e sua refilmagem de 1988, serão analisados com o intuito de identificar elementos de continuidade e rupturas com os conceitos *noir* que permeiam ambas as manifestações.

Ao mapear os traços recorrentes e as rupturas que atravessam essas produções, busca-se compreender em que medida o *noir* e o *neo-noir* operam como gêneros cinematográficos consolidados, ou se, ao contrário, devem ser lidos como estilos mutáveis, cuja existência é intrinsecamente ligada a um olhar retrospectivo da crítica, tornando-se estilos históricos circunscritos subjetivos à reconfiguração histórica de paradigmas estéticos e temáticos.